

# O CRITÉRIO EPISTEMOLÓGICO DA EVIDÊNCIA E CLAREZA EM DESCARTES

## THE EPISTEMOLOGICAL CRITERION OF EVIDENCE AND CLARITY IN DESCARTES

Angela Gonçalves<sup>1</sup>

**Resumo:** Primeiramente explicitarei o primeiro preceito ou regra do método de Descartes mostrando parte de suas obras, onde ele fala de clareza e evidência. Farei uma releitura do que é evidência, clareza e distinção nas suas obras, levantando alguns problemas concernentes à evidência como critério de verdade, questionamentos a cerca da relação entre indubitabilidade e verdade, o problema do sujeito cognoscente, o método e o conhecimento, ou seja, a adequação das exigências internas da razão expressas no método à realidade externa. Logo após, farei uma pequena análise do cogito do Discurso do Método e das Meditações, fazendo uma crítica da aplicação do primeiro preceito do método neles, mostrando alguns problemas. Depois abordarei o problema da antecedência do cogito nas Meditações em relação à prova da existência e da perfeição de Deus já que esta prova é essencial para a validação da evidência e da clareza das ideias, se o cogito é verdadeiro ou não mediante esta validação, já que Descartes apresentou-o primeiro. (o cogito). Por último, farei uma breve conclusão, tentando mostrar o que Descartes quis mostrar ou dizer com o seu critério epistemológico da evidência e clareza. Também direi a importância do seu método para a filosofia moderna.

**Palavras-chave:** Evidência. Clareza. Conhecimento.

**Abstract:** First I will explain the first precept or rule of Descartes' method. In order to show this, I will present parts of his work where he talks about clarity and evidence. I'll do a reinterpretation of what is evidence, clarity and distinction in his work and raise some issues concerning to the evidence as a criterion of truth. Furthermore, I will question about the relationship between what is undoubted and truth, the problem of the knowing subject, method and knowledge, i.e., the adequacy of internal demands of reason expressed in the method to the external reality. Afterwards, I will make a short analysis of the *cogito* on the *Discourse on Method* and the *Meditations*, by doing a critique to the application of the first precept of the method on them and showing some problems. Then I will discuss the problem of the antecedence of the *cogito* on the *Meditations* in relation to the proof of the God's existence and perfection, because this is essential for the validation of evidence and clarity of ideas. Finally, I will make a brief conclusion and try to show what Descartes meant by his epistemological criterion of evidence and clarity. I also will mention the importance of his method for the modern philosophy.

**Palavras-chave:** Evidence. Clarity. Knowledge.

O primeiro preceito ou regra do método de Descartes para se chegar à verdade é a saber:

O de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Mestranda em Filosofia pela PUCRS. Email: angelagoncalvezjolie@gmail.com

<sup>2</sup> DESCARTES, René. *Descartes: discurso do método*. 4. ed. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Junior. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987. v. I, parte 2, p. 37.

Evidência implica necessariamente o indubitável, que dizer, certeza. A certeza é alcançada, requerida pela evidência. Ter evidência é não possuir dúvida, mas nela temos que ter a certeza necessária e suficiente sobre o que é pensado. A clareza e a distinção nos dão a ideia verdadeira, portanto estão imbricadas na evidência. Distinção também é certeza, ela envolve depuração e separação de todas as outras coisas. Então evidência é a certeza, o indubitável onde o conhecimento está claro e distinto, livre de obscuridades e confusões. Mas esta regra supõe duas atitudes para aquele que busca a verdade: de um lado cautela (evitar a precipitação), ou seja, não efetuar um juízo sem que haja inteira clareza e distinção e de outro a prevenção, que dizer, não formular juízos a partir de pré-conceitos, pré-julgamentos ou de opiniões recebidas. É necessário cautela e precaução ao intuirmos as verdades. Descartes explica o que é a intuição nas “Regras para a Direção do Espírito” assim:

Por intuição entendo, não a convicção flutuante fornecida pelos sentidos ou o juízo enganador de uma imaginação de composições inadequadas, mas o conceito da mente pura e atenta tão fácil e distinto que nenhuma dúvida nos fica acerca do que compreendemos, ou então, o que é a mesma coisa, o conceito da mente pura e atenta, sem dúvida possível, que nasce apenas da luz da razão [...].<sup>3</sup>

É um ato mental, intelectual.

Clara é a ideia como representação à mente que torna acessível, manifesta a presença de um objeto à consciência atenta do sujeito. Logo clareza e distinção são dois pressupostos para a evidência e tal evidência para Descartes é um princípio que se legitima, que se sustenta a partir de uma mente atenta, reflexiva e perspicaz à presença dos objetos conscientemente, intuitivamente. O que Descartes quer dizer com evidência é quando um sujeito cognoscente tem a ideia ou a representação de um objeto em sua mente, tanto à priori quanto à posteriori. É a representação de algo que se dá no ato da consciência do sujeito. É evidente um conhecimento (expresso em um juízo) indubitável. É considerado indubitável, se as ideias contidas no juízo são claras e distintas. É a ideia como representação que deve ser considerada clara e distinta.

Passamos agora, para a aplicação deste preceito do método no cogito. A certeza sobre pensamento e existência é o cerne da questão, o ponto central para o seu projeto epistemológico.

O cogito é a primeira evidência, a primeira e a mais clara das verdades. É a aplicação da primeira regra do método. No Discurso temos “Je pense, donc j’existe e nas Meditações Metafísicas “Je suis, j’existe”. Eu penso, logo existo do Discurso do Método aparece como um raciocínio lógico. Está intrinsecamente relacionado às características do Discurso que é um prefácio para a publicação de três obras científicas (Geometria, Dióptrica e os Meteoros). O Discurso é uma obra de cunho científico, logo o cogito é simplesmente uma constatação lógica e necessariamente verdadeira, pois é preciso existir para pensar. O cogito do Discurso é a justificação, para a própria ciência que encontra a sua evidência. O que importa é a compreensão dessa validade universal, desta ligação necessária. Pode-se acrescentar agora, uma incerteza da percepção clara e distinta ao penso, logo existo. Descartes

---

<sup>3</sup> DESCARTES. René. *Regras para a direção do espírito: regra III*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989. p. 20.

esta certo de que ele pensa e portanto existe, porque ele percebe claramente e distintamente este fato. Nas Regras para a Direção do Espírito, a percepção clara e distinta é uma condição suficiente para a certeza, mas fazendo um exame mais crítico no início da Terceira Meditação ele escreve:

Mas, quando considerava alguma coisa de muito simples e de muito fácil no tocante à Aritmética e à Geometria, por exemplo, que dois e três juntos produzem o número cinco e outras coisas semelhantes, não as concebia eu pelo menos bastante claramente para assegurar que eram verdadeiras? Certamente se julguei depois que se podia duvidar destas coisas, não foi por outra razão senão porque me veio ao espírito que talvez algum Deus que tivesse podido me dar uma tal natureza, que eu me enganasse mesmo no concernente às coisas que me parecem as mais manifestas. Mas todas as vezes que esta opinião acima concebida do soberano poder de um Deus se apresenta a meu pensamento, sou constrangido a confessar que lhe é fácil, se ele o quiser, proceder de tal modo que eu me engane mesmo nas coisas que acredito conhecer com uma evidência muito grande.<sup>4</sup>

Descartes afirma que a hipótese do Deus Enganador lhe dá razão para duvidar das verdades mais simples, mesmo quando ele as percebe com clareza e distinção muito grande. Parece aqui, que Descartes não toma a percepção clara e distinta como sendo condição suficiente para certeza. Então parece que nem todas as percepções claras e distintas produzem a certeza.

O cogito das Meditações Metafísicas é Eu sou, eu existo. Ser aqui, é o ser do nosso pensamento, o que quer dizer que alcanço meu ser na medida em que penso porque quando o cogito emerge, é através da dúvida, do fato de pensar. Segundo Gueroult, o cogito toma de si mesmo a certeza. O sujeito é o objeto em questão. Aqui, o cogito diferentemente do Discurso tem uma base metafísica, pois todo o conhecimento vai ter sua origem, será fundamentado no sujeito. O epicentro da epistemologia é o pensamento.

Reside aqui no Eu sou, eu existo, um outro problema no que concerne a percepção clara e distinta, quando Descartes afirma a sua existência assim:

Mas eu me persuadi de que nada existia no mundo, que não havia nenhum céu, nenhuma terra, espíritos alguns, nem corpos alguns; não me persuadi também, portanto, de que eu não existia? Certamente não, eu existia sem dúvida, se é que me persuadi; ou, apenas pensei alguma coisa. Mas há algum, não sei qual, enganador mui poderoso e mui argiloso que emprega toda a sua indústria em enganar-me sempre. Não há pois dúvida alguma de que sou, se ele me engana, não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa. De sorte que, após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira, todas as vezes que a anuncio ou que a concebo em meu espírito.<sup>5</sup>

Ele afirma e tem certeza da sua existência, mas não faz menção alguma à percepção clara e distinta. Sua explicação parece ser que ele está certo de que existe porque não tem nenhuma razão para

---

<sup>4</sup> RAMOS, Vitor. *Obra escolhida: Descartes*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Difusão europeia do livro, Clássicos Garnier, 1962. p. 138. 3ª Meditação: de Deus, que ele existe.

<sup>5</sup> RAMOS, Vitor. *Obra escolhida: Descartes*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Difusão europeia do livro, Clássicos Garnier, 1962. p. 125-126. 2ª Meditação: Da natureza do espírito humano; e de como ele é mais fácil de conhecer do que o corpo.

duvidar desta crença e porque a única hipótese para duvidar seria a de um Deus Enganador. Então, fazendo uma retrospectiva, Descartes chega à primeira verdade clara e distinta “eu sou, eu existo”, depois de ter aplicado o primeiro preceito do método, na segunda Meditação.

Mas se a primeira verdade clara e distinta é o cogito, como é que Descartes afirma mais adiante na Meditação Terceira:

Mas, a fim de poder afastá-la inteiramente, devo examinar se há um Deus, tão logo a ocasião se apresenta; e se achar que existe um, devo também examinar se ele pode ser enganador: pois, sem o conhecimento dessas duas verdades, não vejo como jamais estar certo de coisa alguma.<sup>6</sup>

Como pode Descartes estar certo que o cogito é a primeira verdade clara e distinta (2ª Meditação) se não tinha ainda descoberto na Meditação terceira, se existia um Deus e que sem esta prova não estaria certo de coisa alguma? Então podemos questionar se o cogito é verdadeiro ou não como primeiro princípio e será que Deus fundamenta o cogito ou o cogito é que fundamenta Deus? O cogito é a primeira verdade?

Na IV parte do Discurso, ele diz que o cogito constitui o primeiro princípio da filosofia; a segunda afirmação também na IV parte do Discurso e na Meditação Terceira defende que a prova última é dada por Deus. Mas mais adiante, ainda na IV parte do Discurso ele parece tomar uma atitude mais radical: “Pois, em primeiro lugar, aquilo mesmo que há pouco tomei como regra, a saber, que as coisas que concebemos mui clara e mui distintamente são todas verdadeiras não é certo senão porque Deus é ou existe, e é um ser perfeito, e porque tudo o que existe em nós nos vem dele<sup>7</sup>”. Então agora, a clareza e a distinção que antes eram atribuídas ao cogito, são agora dependentes de Deus. Podemos pensar se o conhecimento vai do cogito a Deus ou de Deus ao cogito?

Seguindo os passos das Meditações, o ponto de partida das provas cartesianas serão as conclusões do cogito. Somente o cogito permite a formulação do critério de verdade. A partir dessa verdade, Descartes vai aplicar o terceiro princípio do método, que é o de por uma ordem em seus pensamentos onde vai do mais simples ao mais complexo, e desses, o cogito é o mais simples, na ordem das razões, e a partir dele, Descartes vai construir, na ordem das razões, a sua ciência.

Nas regras para a Direção do Espírito, Descartes apresenta as regras do método, portanto é uma obra de cunho metodológico. Nas Meditações Metafísicas, introduz um sujeito existente e pensante (o cogito) como primeira verdade clara e distinta. É uma obra essencialmente metafísica, é fundacional. A questão epistemológica é: como concatenar a verdade do sujeito aplicando a regra do método à realidade externa? Ou dito de outra forma: Como passar da inspeção do espírito a algo que esteja fora do espírito, ou seja, a adequação das exigências internas da razão expressas no método à

---

<sup>6</sup> RAMOS, Vitor. *Obra escolhida: Descartes*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Difusão europeia do livro, Clássicos Garnier, 1962. p. 138-139. 3ª Meditação: de Deus, que ele existe.

<sup>7</sup> DESCARTES, René. *Descartes: discurso do método*. 4. ed. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Junior. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987. v. I, p. 50, 4. parte.

realidade? Porque existe um abismo entre o que se dá na consciência que é indubitável e aquilo que é verdadeiro. Podemos dizer que esta questão apresenta-se sob dois aspectos intrinsecamente ligados:

- a) Com base nas exigências da razão, é preciso provar que existe uma correspondência entre representação e realidade (de acordo com as exigências da razão).
- b) É preciso uma prova das exigências da razão que correspondem ao que existe na realidade.

É preciso provar que a ideia – a representação no sujeito – possua um valor além da esfera subjetiva, isto é, universal, inquestionada. É a razão que vai validar a possibilidade da verdade. Ter evidência significa indubitabilidade, quer dizer, não se pode ter algo duvidoso ou incerto no juízo.

Descartes quer uma união entre filosofia e cientificismo, podemos dizer método e filosofia ligados ao cogito. Nas Regras para a Direção do Espírito ele quer mostrar como opera a razão, nas Meditações Metafísicas é necessário justificar e legitimar as suas operações.

Este primeiro preceito do método é o que melhor representa a visão intelectual que a verdade tem para Descartes. Através da representação clara e distinta, a verdade se manifesta a um espírito atento assim: primeiro a simplicidade da representação, e em segundo lugar a separação de certa representação das demais para não haver confusão.

A verdade está ou é procurada no sujeito, na ciência que está nele mesmo. É um pressuposto seguir o preceito do método para que a representação não seja colocada em dúvida e a própria certeza do sujeito ser igual à evidência. Ela é a regra geral para o conhecimento. O que Descartes quer de certa forma é clareza e evidência como princípio primeiro e universal. Sua epistemologia está expressa num método, ele foi elaborado “com base em exigências internas da razão, visando alcançar uma evidência cujo modelo se acha na atividade mais elevada e mais autêntica da razão, a matemática, cujas leis são as da própria razão<sup>8</sup>”. É só através da intelecção que chegamos à clareza. Ela é condição e ao mesmo tempo resultado do conhecimento.

Independentemente de Descartes ter atingido ou não seu propósito, com certeza seus ideais influenciaram muito a modernidade.

As questões que suscitou e o modo pelo qual as analisou, unindo análise conceitual e justificação demonstrativa, servem ainda hoje como paradigma para o filósofo contemporâneo. Sua grande importância está na consciência filosófica, nas ideias de tipo científico, na criação de um método, na priorização ao “eu pensante”, na separação entre sujeito e objeto [...]. É na autonomia do sujeito (pensamento) o ponto de partida do conhecimento. O sujeito é o polo irradiador da certeza, é a partir do que se encontra nele que se constitui o conhecimento.

“E é certo que a autêntica inspiração de Descartes revive. Por exemplo, em Kant, no seu esforço em distinguir Ser e o objeto pela acentuação do papel do sujeito no conhecimento<sup>9</sup>”. Podemos ainda admitir que a mensagem cartesiana é muito atual. Num mundo onde o novo se tornou incerto, o homem procura uma nova certeza, com a sua própria razão. Mas a própria razão precisa de inspeção

---

<sup>8</sup> SILVA, Franklin Leopoldo. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 1993. p. 55

<sup>9</sup> ALQUIÉ, Ferdinand. *A filosofia de Descartes*. 2. ed. Lisboa: Presença, 1986. p. 142.

constantemente (inspeção do espírito) e de obedecer ao preceito cartesiano “para não cairmos na falsidade de admitir como verdade outra coisa que não seja o que com toda a evidência vemos sê-lo”. Temos que valorizar a razão e a verdade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALQUIÉ, Ferdinand. *A filosofia de Descartes*. 2. ed. Lisboa: Presença, 1986.

DESCARTES, René. *Descartes: discurso do método*. 4. ed. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Junior. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987. v. I.

DESCARTES, René. *Regras para a direção do espírito: regra III*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989

RAMOS, Vitor. *Obra escolhida: Descartes*. 3ª Meditação: de Deus, que ele existe. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Difusão europeia do livro, Clássicos Garnier, 1962. p. 138.

SILVA, Franklin Leopoldo e. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 1993.